

CENTRO UNIVERSITÁRIO DO RIO GRANDE DO NORTE (UNI-RN)
CURSO SUPERIOR EM PSICOLOGIA NOTURNO
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO II
PROF. DRA. KARINA CARVALHO VERAS DE SOUZA

MARIANA ALMEIDA FERREIRA

**ALIENAÇÃO OU NÃO: O IDEAL DO EU NA CONSTITUIÇÃO DO
SUJEITO À LUZ DA PSICANÁLISE**

NATAL/RN
2024

ALIENAÇÃO OU NÃO: O IDEAL DO EU NA CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO À LUZ DA PSICANÁLISE

Mariana Alemida Ferreira¹
Dra. Karina Carvalho Veras de Souza²

RESUMO: Ao nascer, o bebê possui apenas instintos que buscam a satisfação. Essa condição faz com que o bebê se relacione com outro ser humano, se assujeitando ao campo do Outro para garantir a manutenção da vida. Nesse caminho, esse Outro vai preencher o bebê com significantes; por meio de ditos e expectativas, vai dizer quem ele é e como ele é, projetando sonhos, anseios e seu ideal de eu no bebê. Esse investimento narcísico dos pais é fundamental para dar lugar ao bebê que chega e, posteriormente, inseri-lo na cultura. Então, por meio da linguagem, o bebê vai se identificando com o objeto de desejo do outro e buscando sê-lo, formando seu eu ideal. Entretanto, esse eu ideal não corresponde ao verdadeiro eu, mas sim a um ideal de um outro. Logo, a alienação, que foi necessária para salvar o bebê do grande desamparo, precisa ser superada para que o sujeito emerja, sendo preciso separar-se simbolicamente do Outro para poder constituir seu próprio desejo. Nesse sentido, a presente pesquisa resulta de uma revisão bibliográfica, tomando como referência as obras de Freud e Lacan, e busca apresentar como se dá a constituição do sujeito na psicanálise e o lugar do ideal parental nesse movimento, discorrendo sobre os processos, denominados por Lacan, de alienação e separação, e fazendo algumas considerações a respeito dos impactos no momento do desencontro estrutural narcísico.

PALAVRAS-CHAVE: Ideal Parental. Alienação/Separação. Constituição Psíquica. Psicanálise.

¹ Aluna de graduação em Psicologia do Centro Universitário do Rio Grande do Norte (UNI-RN)

² Doutora em Psicologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)

1. INTRODUÇÃO

A presente pesquisa busca apresentar como se dá a constituição do sujeito na psicanálise e o lugar do ideal parental nesse movimento, discorrendo sobre os processos, denominados por Lacan, de alienação e separação, fazendo algumas considerações a respeito dos impactos no momento do desencontro estrutural narcísico. Para tanto, inicialmente, apresenta-se o conceito de alienação, o Estádio do Espelho e o narcisismo primário, em seguida conceituando o eu ideal e o ideal do eu. Por fim, perpassa-se pelo processo de separação simbólica, o Complexo de Édipo, que surge com a entrada no registro simbólico; com isso, destaca-se o quanto o papel da elaboração de perdas é fundamental. No seminário 11, Lacan (1973/1988) explicou a constituição do sujeito em termos de alienação e separação. Ao nascer, o bebê possui apenas instintos que buscam a satisfação, necessitando de um objeto externo, um outro semelhante, para que uma ação específica seja realizada e o satisfaça (FREUD, 1985; FREUD, 1915). Essa ação deixa marcas no aparelho psíquico, chamadas de marcas mnêmicas, que são imagens em forma de alucinação que aparecem sempre que surge uma necessidade, formando um campo de referências (FREUD, 1895). Assim, o bebê alucina o que o salvou do desamparo inicial, e é a busca por essa “Coisa” que o teria salvado, segundo Freud, que inaugura o desejo.

Nesse sentido, o desejo surge da falta, pois o bebê sente falta da “Coisa” que o teria salvado do desamparo. Essa condição o obriga a se relacionar com outro ser humano, sujeitando-se ao campo do Outro para garantir a manutenção da vida (LACAN, 1964). Esse Outro vai preencher o bebê com significantes, dizendo quem ele é, como ele é, e assim, ao internalizar os ditos do Outro, ocorre o processo de alienação (LACAN, 1964). Por isso, as expectativas em torno do filho que está por vir são fundamentais, pois são elas que dão lugar ao bebê que está a caminho.

De início, a condição de desamparo faz com que o bebê se experimente como um corpo despedaçado, e o processo de se sujeitar ao outro por meio da alienação é necessário para suportar o despedaçamento do eu. Assim, na operação psíquica denominada por Lacan (1949) de Estádio do Espelho, ocorre o primeiro esboço do eu, por meio de uma identificação consigo mesmo através da imagem do outro, ocasionando uma unificação da imagem que antes era fragmentada (LACAN, 1949)

O Estádio do Espelho se dá em três tempos. O primeiro é o autoerotismo, no qual a criança nem se percebe, nem percebe o espelho, não se diferenciando; logo, o mundo externo não é percebido. No segundo tempo, a criança olha no espelho e vê um outro, havendo uma confusão entre o eu e o outro. Somente no último tempo, ao olhar para o espelho e enxergar um outro — que pode ser a mãe, o pai ou o cuidador — a criança terá uma confirmação de que ela é ela (LACAN, 1949). A criança verifica se o outro percebe que ela se percebeu, e o olhar do outro sustenta a experiência da criança. A onipotência conferida por essa sensação provoca o ato psíquico necessário para a passagem ao narcisismo primário (FREUD, 1914).

O olhar do outro que sustenta a experiência da criança é o investimento narcísico dos pais; eles projetam seus sonhos, seus anseios e seu ideal de eu no bebê. No entanto, essas projeções não são reais: o filho sonhado nunca será como o filho que nasceu. Apesar disso, são necessárias para inserir o bebê na ordem simbólica, na cultura. Ou seja, o bebê, por meio da linguagem, vai se identificando com o objeto de desejo do outro e buscando sê-lo, formando seu eu ideal, que seria, então, uma construção de quem ele deveria ser para ser amado. Nesse sentido, o eu ideal não corresponde ao verdadeiro eu, mas sim a um ideal de um outro, o ideal narcísico dos pais (FREUD, 1914). Logo, o eu ainda é o outro no narcisismo primário, pois, ao se identificar com o outro, o eu se aliena na imagem que não é dele. No Estádio do Espelho, há, portanto, um desconhecimento do eu e uma sensação ilusória de domínio e completude.

A identidade assumida no Estádio do Espelho é uma identidade alienante, o Eu tem uma ilusão de autonomia, captado pelo desejo do outro o Eu se desconhece, se perde no outro. A alienação é o um véu que mascara a falta dos dois sujeitos, sendo assim o que se liga de um no outro é a falta de cada um (LACAN, 1964, apud SBARDELOTTO, L.; FERREIRA, D.; PERES, M. I. L.; OLIVEIRA, A. M. M., 2016, p. 5)

Nesse sentido, quem deseja é o outro e não o sujeito. Logo, a alienação precisa ser superada para que o sujeito emerja, sendo necessário separar-se, simbolicamente, do outro para poder constituir o próprio desejo. Separar-se simbolicamente do outro significa sair da posição de objeto do desejo do outro e passar a ser sujeito desejante (LACAN, 1964). Esse processo é explicado em três tempos, que correspondem aos três tempos do Complexo de Édipo. Enquanto o bebê assume a posição de objeto de desejo da mãe, a falta é mascarada. Para passar por esse processo, é necessário entrar na dimensão simbólica, reconhecer os limites da realidade por meio de um novo significante, e isso só é possível com a

quebra da relação alienada (MELLO, 2007, apud SBARDELOTTO, L.; FERREIRA, D.; PERES, M. I. L.; OLIVEIRA, A. M. M., 2016, p. 5).

Na interação com esse outro, o bebê começa a perceber que lhe falta algo: a mãe não se dedica somente a ele, não é apenas com ele que a mãe conversa, e em alguns momentos ela não está presente. O bebê passa a perceber que esse outro deseja fora dele (apud SBARDELOTTO, L.; FERREIRA, D.; PERES, M. I. L.; OLIVEIRA, A. M. M., 2016, p. 6). A falta que estava coberta na alienação se torna evidente; ou seja, não é possível ocupar o lugar de falo, de desejo, da mãe. Assim, no primeiro momento do Édipo, a criança se identifica com a mãe e se coloca como falo, representando o desejo do desejo da mãe. Esse, como dito antes, é o período do narcisismo primário, da onipotência da criança. Colocar o bebê nessa posição de objeto de desejo dos pais, como lugar de falo, é fundamental para a estruturação psíquica e para proporcionar a humanização que permitirá sua inscrição no simbólico. No início, é preciso que o bebê sinta que é sobre ele, que ele é o centro; mas, depois, é necessário desviar-se e perceber os limites da realidade para poder existir no mundo.

No segundo momento do Édipo, quando a criança começa a perceber que o outro lhe falta e que não é tudo para a mãe, ocorre uma quebra do narcisismo primário com a entrada de um novo significante: a lei do pai. A entrada do pai barra a plenitude do bebê e permite a divisão entre o sujeito e o eu. É importante ressaltar que, para a psicanálise, o sujeito é o sujeito do inconsciente, o dividido, o barrado.

O que o pai priva com a Lei é o gozo do sujeito tido ao se colocar como objeto do Desejo da mãe. A criança percebe então que o desejo da mãe não pode ser seu objeto de gozo. A lei serve tanto para criança, como para mãe, no sentido de que proíbe também que a mãe coloque o bebê como seu objeto de Gozo, seu falo (QUINET, 2012, apud SBARDELOTTO, L.; FERREIRA, D.; PERES, M. I. L.; OLIVEIRA, A. M. M., 2016, p. 7)

No terceiro e último tempo do Édipo, uma sequência de frustrações na vida do bebê, decorrente da ausência das satisfações esperadas — como a retirada do seio e o desapontamento ao perceber a diferenciação sexual — faz emergir a castração (FREUD, 1924, apud SBARDELOTTO, L.; FERREIRA, D.; PERES, M. I. L.; OLIVEIRA, A. M. M., 2016, p. 8), inserindo o sujeito na cultura e levando à dissolução do Édipo. Assim, com a simbolização do imaginário, a criança pode começar a experienciar as coisas por si mesma, tornando-se um sujeito desejante e recalçado, o que permite viver em sociedade.

A escolha do tema partiu do interesse em aprofundar os estudos sobre o ideal parental, especialmente o lugar que ele ocupa na constituição do sujeito, a partir de algumas leituras realizadas ao longo da graduação e da experiência de assistir ao filme "Aftersun", que despertou ainda mais o interesse. Acredito que o tema possa acrescentar não só aos estudantes e profissionais da área, mas também a todos, uma vez que se trata de uma questão pouco discutida, embora vivenciada por muitos.

Assim, com o intuito de adentrar ainda mais na compreensão dessa temática, este estudo terá como objetivo geral apresentar, com base na teoria psicanalítica, o lugar do ideal parental na constituição do sujeito no processo de separação simbólica. Diante das elucidações, este trabalho parte da seguinte pergunta-problema: qual é o lugar do ideal parental na constituição do sujeito no processo de alienação/separação?

A metodologia utilizada para o embasamento da pesquisa é de caráter qualitativo, de natureza básica, com o objetivo exploratório, realizada a partir de uma revisão bibliográfica contemplando materiais já publicados, como artigos científicos, dissertações e livros, tomando como referência autores da psicanálise que discutem o ideal parental e a constituição psíquica do sujeito.

Na elaboração foram utilizados procedimentos técnicos por meio de consultas e pesquisas bibliográficas em artigos científicos nas plataformas Google e Scielo, usando as palavras chaves: Ideal parental, constituição do sujeito, alienação e separação. Após a seleção do material, as informações de cada artigo científico foram filtradas com a finalidade de obter dados mais relacionados à temática central, alicerçada a partir das obras de Sigmund Freud e outros autores psicanalíticos, dando ênfase nos conceitos de Jacques Lacan.

Desse modo, no presente estudo, serão apresentadas contribuições tanto de autores clássicos da psicanálise, como Freud e Lacan, quanto autores contemporâneos que discutem a temática em questão.

2. DESENVOLVIMENTO

Observou-se, a partir das discussões encontradas, que poder encarar o

desamparo, as impossibilidades e submeter-se a castração, que diz respeito aos limites da realidade, que permitem viver em sociedade, é o longo trabalho de elaboração da falta no Outro (ALBERTI, 2014). Logo, à medida que o processo se conclui, já não é mais no colo dos pais que o sujeito encontrará recursos para poder existir no mundo, mas sim no Outro do inconsciente, com todas as heranças dos seus cuidadores, que lhe servirão de suporte nesse movimento.

É por ter herdado a posição desejante de seus pais que o adolescente também já não satisfaz as demandas deles. Diz-se comumente, que agora ele “pensa com sua própria cabeça”. É verdade, mas, sobretudo porque ele suporta não mais satisfazer as demandas dos pais, não mais teme a perda do amor deles, em parte por já ter tido provas suficientes de que não o perde facilmente, em parte porque já não é mais tanto isso que o interessa (ALBERTI, 2014, posição 10)

Nesse sentido, se antes o desejo se localizava na demanda de amor para garantir uma proteção contra o desamparo fundamental, agora não mais. Não há como escapar do desamparo e nem protege-se da castração, mas a presença dos pais junto ao adolescente é fundamental, pois é justamente porque os pais estão lá que o adolescente pode escolher lançar mão deles ou não (ALBERTI, 2014). Logo, o parâmetro determinante para estabelecer o final da infância é a definitiva incorporação do Outro da infância, ou seja, o próprio inconsciente do adolescente é o Outro agora, assim, o sujeito não é mais tão dependente dos pais de sua infância, Freud chamou esse período de latência (ALBERTI,2014).

Dessa forma, sustentar o sujeito como desejante é uma tarefa que vem com desafios, é preciso investimento e aposta por parte dos pais para suportarem seu próprio aniquilamento através dos filhos (ALBERTI,2014). Esse investimento seria como a definição de amor dada por bell hooks, que não o descreve como um sentimento, mas sim como uma ação, o amor é o que o amor faz, sendo uma combinação de cuidado, compromisso, confiança, sabedoria, responsabilidade e respeito, permitindo o sujeito acontecer no mundo (HOOKS, 2021). Entretanto, essa dinâmica nesse movimento não é via de regra.

Isso não só não é fácil como às vezes impossível, razão de não haver pais ideais do adolescente mas simplesmente seus pais, que o ajudarão, na medida do possível, a atravessar o processo descrito por Freud como o da construção de um túnel, cavando pelos dois lados, nem sempre em linha reta mas suficientemente estruturado para permitir a travessia. (ALBERTI, 2014, posição 8)

Então, chegada a fase de latência, se antes a criança fazia tudo para poder atribuir uma posição idealizada aos pais, chega o momento que não é mais possível sustentar a ilusão narcísica destes. As idealizações que foram necessárias para a

constituição psíquica do bebê, para livrar do grande desamparo e se inscrever como sujeito, aqui já cumpriu o seu papel. Sendo, portanto, agora, impossível dar conta de suprir as expectativas, fantasias e imperativos das figuras parentais; e a insuficiência dos pais, as suas falhas, permite que aconteça o desencontro estrutural necessário, que vai abrir as portas para que os filhos possam desejar outras coisas do lado de fora de casa.

Nesse caminho, o pai herói que contém todas as respostas, que tudo consegue, que é capaz de fazer e ser a lei, talvez não seja tão inteligente quanto aquele professor ou nem tão legal quanto o pai de um amigo, nem o ame e valide da forma que esperava. Assim, suas falhas, desencontros e desencantamentos são percebidas, o que não era possível durante a infância. Como dito, o investimento narcísico dos pais, suas idealizações sobre seus filhos, colocar o bebê como objeto de desejo, criando um ideal de eu, é fundamental para que o filho seja sujeito dessa história. Entretanto, por meio desse movimento, o bebê vai construindo seu eu ideal, que seria nesse sentido moldado pelos imperativos dos pais, condicionando sua validação a uma série de atributos que deveria ser/ter, mas ao chegar à puberdade, a insuficiência dos modelos identificatórios é fundamental para o trabalho de elaboração do adolescente, para acontecer a separação simbólica e ser possível assumir a posição de desejante. Ou seja, não esperar o reconhecimento do Outro e assumir seu próprio desejo, se colocando no mundo.

Esse movimento de separação simbólica traz consigo um luto, na medida em que se perde quem se era naquela relação e os pais idealizados. Como disse Alberti, a adolescência acontece na medida em que o sujeito escolhe lançar mão de seus pais, assumindo o preço por tal desligamento. Deixar os pais da infância, os idealizados, aqueles que o sujeito acreditava e precisava que fossem, demanda um trabalho de elaboração, muitas vezes difícil e doloroso. Por vezes, a energia gasta na tentativa de velar as falhas dos pais — que, neste momento, não cessam de aparecer — faz com que o sujeito tenha menos libido para novos investimentos (ALBERTI, 2014). Nesse sentido, colocar-se no mundo como desejante significa quebrar expectativas e imperativos dos pais, que já não fazem sentido, pois já se sabe que não é possível ser o filho do narcisismo parental.

Então, separar-se simbolicamente exige perder um elo significativo, demandando integrar simbolicamente no interior do eu o que foi perdido. É

necessário elaborar para poder abrir portas a novas possibilidades de caminhar nessa jornada, sustentando-se como desejante. Como disse o psicanalista Christian Dunker (2018), o processo seria como pegar essa massa de coisas que alguém querido representava e reduzi-la até restar uma pedrinha que caiba no bolso, que não atrapalhe na viagem que está por vir e ajude a produzir e reencontrar encontros mais ricos e desejantes no que se seguirá.

3. CONCLUSÃO

Esta pesquisa permitiu refletir sobre o lugar do ideal dos pais na constituição do sujeito e o que permanece quando não é mais possível sustentar essas idealizações, implicando um trabalho de luto resultante de uma separação simbólica necessária para que se ganhe a liberdade subjetiva e o sujeito se constitua como um outro diferente.

No processo de alienação/separação, o sujeito se aliena e se sujeita aos ditos do outro para se salvar do grande desamparo. Esse movimento, como foi visto, é importante para que o sujeito se constitua psicicamente, mas é fundamental desviar-se dele, separando-se simbolicamente e emergindo como sujeito desejante.

Assim, desejar estar fora de casa implica um processo de luto, resultante da quebra de ideais. O filho não é mais o sujeito do narcisismo parental e, com isso, os pais também se transformam, não correspondendo mais da mesma forma à idealização da infância de seus filhos. Agora, são sujeitos que falham, se desencontram e respondem de maneira diferente dentro dessa relação que se modificou, gerando, muitas vezes, conflitos, pois agora o filho também deseja e se coloca no mundo

REFERÊNCIAS

- ALBERTI, S.** O adolescente e o outro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.
- FREUD, Sigmund.** Obras completas: volume 16 - O eu e o id. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora Imago, 1996. (Obras completas, v. 16).
- FREUD, Sigmund.** Sobre o narcisismo: uma introdução. 1. ed. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 1914.
- FREUD, Sigmund.** Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. 3. ed. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 1985.
- FREUD, Sigmund.** Luto e melancolia. Edição Standard Brasileira das obras completas de Sigmund Freud, v. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1917.
- LACAN, Jacques.** O estádio do espelho como formador da função do eu. In: **ESCRITOS**. 1. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1949.
- LACAN, Jacques.** O seminário - livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.
- OLIVEIRA, A. M. M. de.** A constituição do sujeito na psicanálise. *Akrópolis Umuarama*, v. 24, n. 2, p. 113-129, jul./dez. 2016.
- TAVARES, Talita Arruda.** Parentalidade e filiação: os lutos necessários. *Revista Lacuna*, n. 9, jul. 2020. Disponível em: <https://revistalacuna.com/2020/07/27/n-9-05/>.